


CORONAVÍRUS E OS IMPACTOS DIANTE DO SISTEMA CAPITALISTA¹*CORONAVIRUS AND THE IMPACTS TO THE CAPITALIST SYSTEM* Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz ^a Ricardo Alexandrino Garcia ^a^a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, MG, Brasil**DOI:** 10.12957/geouerj.2021.53009**Correspondência:** uilmer@ufmg.br**Recebido em:** 22 jul 2020**Aceito em:** 24 jan.2021**Resenha DAVIS, Mike, et al: Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020**

Os autores deste livro são Mike Davis, escritor americano e ativista político, suas pesquisas são relacionadas à luta de classes/poder, David Harvey, que é professor da Universidade de Nova Iorque, tendo suas contribuições espalhadas na área da Geografia Urbana. Já Alain Bihr é sociólogo francês, com linha de pesquisa voltada para o comunismo libertário, autor de estudos que permeiam o socialismo e o movimento operário. Além dele, Raúl Zibechi destaca-se como pesquisador dos movimentos sociais na América Latina e Alain Badiou é filósofo, militante maoísta, defensor do comunismo e da classe trabalhadora estrangeira na França. Por último, Slavoj Žižek é filósofo e professor de filosofia da Universidade Ljubljana.

O modus capitalista, dentre outros prejuízos vistos cotidianamente, como a destruição de biomas, a partir da constante e predatória exploração de recursos, sobretudo desde a década de 1970, também é responsável por agravamentos nos quadros de saúde pública. Exemplo disso é o novo Coronavírus, cujo epicentro inicial fora a China, com o primeiro caso datado de dezembro de 2019, que, a partir disso, expande-se para o restante do planeta.

Davis (2020) traz uma rápida análise dos impactos imediatos e de outros do vírus em questão no território estadunidense. Segundo o autor, os Estados Unidos não estão preparados para a contenção da crise gerada pela doença, trazendo especificamente o quadro deficitário da saúde pública do país.

O neoliberalismo fortalecido e assumido por democratas, ainda durante o governo Reagan, na década de 80, foi o responsável pela alta no fechamento de leitos e fornecimento de verbas para hospitais públicos.

¹ Palavras iniciais, Coronavírus e os impactos diante do Sistema Capitalista. A presente resenha faz parte da pesquisa A produção social do trabalho informal na rede de reciclagem no estado do Rio de Janeiro, em andamento no curso de Doutorado em Geografia — Programa de Doutorado em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.



Essa estratégia foi utilizada no país para que o inchaço populacional nos hospitais servisse de justificativa para aumentar o lucro do sistema de saúde privado.

Segundo os argumentos do autor, esse 'sucateamento' do sistema de saúde foi retroalimentado até o governo atual que, com Donald Trump, agravou-se, inclusive fechando o escritório criado pelo presidente anterior, Barack Obama, responsável pela gerência de pandemias (escritório criado durante o H1N1, com o intuito de fornecer respostas imediatas a situações como a atual). Davis (2020) ainda afirma que, a partir de um levantamento realizado no país, apenas 8 de todos os estados teriam capacidade para receber pessoas com quadros graves da doença.

A crise de saúde, diretamente ligada aos interesses predatórios das classes mais ricas economicamente, deste modo, afeta a parte mais pobre e trabalhadora da população, que precisa escolher entre manter a renda ou manter a segurança (para evitar o contágio do Coronavírus).

Para que esse quadro se altere, assim como em outras políticas, pautas como a saúde, assim como o meio ambiente, devem ser centrais e intrínsecos às pautas econômicas. Davis (2020) afirma que um olhar socialista para a economia deve restaurar a saúde pública e universal, garantindo o direito ao acesso de toda a população.

Assim como em Davis (2020), Harvey (2020) busca estabelecer uma discussão que relaciona o novo Coronavírus com a crise em vários setores sociais, que tem seu início a partir do 'boom' da doença em nível global, porém, é no aspecto econômico que o autor concentra a maior parte de sua discussão.

Como os outros autores afirmam, a respeito da dinâmica capitalista enquanto esgotadora de recursos, Harvey (2020) argumenta que os 40 anos de neoliberalismo norte-americano e sul-americano são responsáveis não só pela facilitação da expansão de doenças, como o Corona, mas também por não haver estrutura necessária para o tratamento e contenção dessas doenças.

O capitalismo, a partir da ótica marxista, funciona em quatro etapas: produção, consumo, distribuição e reinvestimento. Esse 'espiral' constante e inesgotável parece se finalizar, ao menos momentaneamente, a partir de efeitos que atingem diretamente uma dessas etapas.

Em 2008-9, a partir da crise que assolou sobretudo o hemisfério norte, principalmente os Estados Unidos, fora responsável pela queda no padrão de consumo da população. Essa queda de consumo tem relação direta com o aumento de desemprego e, por suposto, pela falta de dinheiro por parte da classe trabalhadora. A China, na ocasião, fora a principal responsável por reerguer a economia capitalista mundial, com uma forte injeção em estrutura industrial e, nos outros países, com uma flexibilização na estrutura



financeira. No entanto, na presente realidade, isso não é mais possível, dado o fato de que o país fora um dos principais atingidos pela doença.

Deste modo, Harvey (2020) afirma que apenas estratégias com um viés mais socialista podem salvar a economia, estratégias estas que, segundo o autor, ironicamente devem ser inseridas, mesmo que mascaradamente, durante o governo Trump, visando uma injeção do Estado de capital financeiro para a população, favorecendo o poder de compra. Como afirma o autor, o que ocasiona a crise não é a 'não venda' de mercadoria, porém a demora pela venda desta.

É através de uma forte atuação do Estado que será possível a retomada da economia de modo mais acelerado, preservando empregos e condições de sobrevivência para a ampla população trabalhadora, fortemente atingida pelo vírus que, ao contrário do que afirmam (de que todos são atingidos igualmente), é mais prejudicada pela alta exposição, pelo não acesso aos aparatos de saúde (sucateados, quando públicos) e, pelo futuro desemprego acarretado pelo fechamento de inúmeros postos de trabalho.

Um exemplo prático da crise no sistema público de saúde é o da França, que é gerado a partir dos moldes neoliberais do capitalismo que, como já presente em Davis (2020), bem como em Harvey (2020), favorecem os empresários da área da saúde, fortalecendo os planos privados e sucateando o sistema público.

Bihl (2020) traz em sua reflexão a noção de que a pandemia atual trouxe à luz o que estava na escuridão ou, em outras palavras, camuflado no discurso neoliberal: a saúde, ao contrário do que afirmam, não é um bem pessoal e individual, mas um bem público e deve ser de acesso universal.

Segundo o autor, o principal argumento para o sucateamento do Sistema Público de Saúde, por meio de cortes de verbas, corte de pessoal, não investimento em estrutura de hospitais, é calçado na noção de que cada um dos indivíduos são responsáveis por suas condições de saúde e que, por isso, não se deve injetar dinheiro do Estado em aparatos públicos. O Coronavírus traduz a enorme contradição nesse discurso, que tira da população o direito do atendimento quando se encontram em estado grave por conta da doença. Ou seja, a saúde entra em colapso por fatores como esse, pois ultrapassa a alçada do individual. Nas palavras de Bihl (2020), a saúde individual é reflexo da saúde social, do coletivo.

Sendo assim, é fundamental que as políticas de Estado voltadas para a manutenção da saúde enquanto um bem universal e a ser garantido pelos governos por meio dos impostos pagos pela população se alterem para contemplar todos os indivíduos. O autor traz o exemplo da França, mas este que pode ser replicado em vários outros países, tais como Brasil e os Estados Unidos, que vivem os piores cenários com relação ao COVID, que tem se agravado pela falta de infraestrutura voltada para toda a população (em sua maioria, trabalhadora).



A colaboração de Zibechi (2020) acerca dos estigmas gerados pela pandemia do novo Coronavírus giram em torno dos mecanismos de controle do Estado chinês que, segundo autor, apoiaram-se na ‘desculpa’ da pandemia para utilizar-se de instrumentos extremamente opressores e controladores.

O autor argumenta, com um olhar estrito e preliminar, que a política de contenção de avanço da doença em questão na província de Wuhan, na China, fora desproporcional com a capacidade de infecção do vírus que, apoiado em outro profissional, afirmava ser de 1 a 2 pessoas por infectado (o que, atualmente, mostra ser contrário).

No entanto, é factual que, ao longo da história da humanidade, o Estado aproveita-se de discursos que causam medo, para imprimirem suas assimetrias nas relações de poder, visando o controle da maior parte da população, que é a classe trabalhadora.

Zibechi (2020) afirma que o percentual de saudáveis na China, sobretudo em Wuhan, era muito pequeno para as ‘drásticas’ medidas de contenção do Estado e, para além, argumenta que outros países replicaram este modelo, como a Itália e Taiwan. Porém, atualmente, sabe-se que o poder de infecção da doença é muito maior do que o previsto no início e que, países como a China, Vietnã e Nova Zelândia, através do lockdown, demonstraram sucesso na contenção do problema, enquanto países que insistem em modelos mais flexíveis, como os EUA e o Brasil, estão pagando caros preços com o aumento exponencial e cotidiano, tanto do número de infectados, como do de óbitos.

Assim como Bihl (2020), Badiou (2020), colabora no exemplo prático da França e no modo como o Estado governado por Macron está agindo perante as mazelas geradas pela pandemia do Coronavírus. A pequena contribuição de Badiou (2020) gira em torno da compreensão de que, assim como em tempos de Guerra, a atual realidade gera exceções adotadas pelos Estados que, em outros momentos, não seriam adotadas.

Macron, na França, criou mecanismos de apoio aos artistas, trabalhadores e pequenos empresários que, por conta da pandemia, tiveram seus negócios fechados. Outros mecanismos utilizados pelo governante que flertam com ideais mais progressistas e, quiçá, socialistas, são exceções à regra, como argumenta Badiou (2020).

Segundo o autor, esses aspectos de ‘melhora’ do aparato estatal para com a população são momentâneos e não passarão enquanto permanentes, dada a história de poucas mudanças nos contextos governamentais voltados para o amparo da classe trabalhadora ao longo do tempo. Assim, defende que as problematizações em torno do atual sistema e a necessidade de se pensar em políticas que caminhem em contraponto ao que se conhece atualmente são necessárias, mesmo em tempos de distanciamento social.



Finalmente, Žizek (2020) apresenta uma perspectiva com olhares mais ‘esperançosos’ sobre o outro lado da ‘moeda’, acerca dos resultados da pandemia do novo Coronavírus. O autor argumenta que, com o avanço do vírus em escala global, algumas questões, para além daquelas que entristecem e deixam claros os prejuízos em decorrência da doença, podem ser consideradas ‘benéficas’, como a percepção de que o modo social como até agora as relações se pautaram está falido e despreparado com relação ao enfrentamento de situações como a atual, sobretudo no sentido econômico,

A partir disso, o autor nos convida para uma reflexão da necessária mudança, não apenas nos padrões atuais do capitalismo, mas na queda deste por um sistema que prime pelas liberdades dos indivíduos, mas também pela garantia do acesso da população aos bens e serviços que tragam qualidade de vida. Segundo o autor, a partir disso, é importante que uma onda de esperança de um ‘novo’ se faça e caminhe ao lado com a reestruturação da economia (em outros moldes, diferentes dos até agora construídos).

AGRADECIMENTOS

Agradece-se à FAPEMIG pela concessão de bolsa de pesquisa.